FONSECA, José Flávio Gonçalves da. **Teatro (educação): (Contra) guerrilhas poéticas**. Macapá: Universidade Federal do Amapá. Departamento de Letras e Artes - DEPLA/UNIFAP; Professor Assistente.

RESUMO: O seguinte trabalho propõe discutir a relação do Teatro na Escola que expande o paradigma do ensinar/aprender, buscando conscientizar professores sobre a necessidade cada vez mais urgente da Arte enquanto elemento de construção de conhecimento cujo o pensamento e o engajamento político sejam os propulsores da Prática Pedagógica em Teatro, tendo em vista as recentes imposições e desrespeitos de toda ordem advindas das decisões arbitrárias do Estado, bem como a um terrível fenômeno de conservadorismo desenfreado que tende cada vez mais a criar um inconsciente coletivo de ódio para com o diferente, massacrando cruelmente toda e qualquer minoria. Assim, propomos a discussão, pautada na prática de ações artísticas e pedagógicas de cunho político que em meio ao ambiente escolar busca promover reflexões poéticas acerca do nosso tempo presente. Enquanto exemplos práticos, são apresentadas ações que vão desde o ensino de Teatro na Educação Básica, em uma escola de gestão militar na cidade de Fortaleza-Ce, como a formação de professores de Teatro, de abordagem altamente política, no curso de graduação da Universidade Federal do Amapá. O artigo problematiza ainda a possibilidade do professor de teatro enquanto um a(r)tivista, uma vez que suas ações transitam pelos campos da arte e da política, especificamente, por um ativismo poético, disseminando, assim, atos de resistência e questionamento social, instaurando com isso, verdadeiros levantes poéticos.

PALAVRAS CHAVE: Arte e política, Artista-pesquisador-docente, Ativismo

ABSTRACT: The following work proposes to discuss the relation of Theater in the School that expands the paradigm of teaching / learning, seeking to educate teachers about the increasingly urgent need of Art as an element of knowledge construction whose thought and political engagement are the propellers of the Practice Pedagogical Theater, in view of the recent impositions and disrespect of all orders arising from the arbitrary decisions of the State, as well as a terrible phenomenon of unbridled conservatism that increasingly tends to create an unconscious collective of hatred towards the different, cruelly massacring any minority. Thus, we propose the discussion, based on the practice of artistic and pedagogical actions of a political nature that in the midst of the school environment seeks to promote poetic reflections about our present time. As practical examples, actions ranging from the teaching of Theater in Basic Education, in a military management school in the city of Fortaleza-Ce, as well as the formation of Theater teachers, with a highly political approach, in the undergraduate course of the University Federal of Amapá. The article also problematizes the possibility of the theater teacher as an a(r)tivist, since his actions transit through the fields of art and politics, specifically, by a poetic activism, thus disseminating acts of resistance and social questioning, establishing with this, true poetic risings.

KEYWORDS: Art and politic, Artist-researcher-teacher, Ativismo

Durante meu processo formativo em Teatro, especificamente no âmbito da formação acadêmica, pude refletir acerca de uma condição possível para o sujeito da ação pedagógica em Teatro. Nesse processo, fui atravessado pelas discussões pautadas na ideia da formação de um ser resultante da hibridização de uma tríade dos papéis do artista, do pesquisador e do docente.

Na ocasião dessas discussões e da formatação da noção deste artista-pesquisador-docente, nos valíamos das reflexões trazidas pelo professor do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – CAC/ECA/USP José Batista Dal Farra Martins, quando este escreve o artigo intitulado *O artista-pesquisador-pedagogo*. Para Dal Farra (2010):

os termos intercambiáveis deste trinômio se organizam pela gravitação em torno de um polo, gerando-se três possibilidades: o artista, com atributos de pesquisador e pedagogo; o pedagogo, com atributos de pesquisador e de artista; e o pesquisador, com atributos de artista e pedagogo. (DAL FARRA, 2010, p 03)

Nesse sentido, para Dal Farra, apesar de haver uma polarização em determinados momentos de atuação desse híbrido artista-pesquisador-docente, ora o artista conduzindo a ação, ora o pesquisador, ora o docente, estes papéis não se estagnam em função de uma relação hierarquizada, uma vez que a polarização diz respeito a uma urgência que demanda dos momentos e experiências específicas de cada ação.

Assim, habituou-se, dentro das discussões, transitar propositalmente pela posição das palavras no termo, sendo possível conceber o artista-docente-pesquisador, o pesquisador-docente-artista, o docente-artista-pesquisador, dentre outras diversas possibilidades.

Nessa perspectiva, esse modo de trazer o termo por meio do jogo de palavras, busca clarificar a ideia desse termo enquanto um híbrido de possibilidades da atuação do sujeito da prática artística-pedagógica em Teatro.

Uma vez tendo incorporado, tanto teoricamente, como na prática essa relação do docente-pesquisador-artista, parti para a atuação no âmbito do ensino de Teatro na perspectiva da educação formal. Através de proposições artístico-pedagógicas que levavam em consideração a construção de um pensamento

crítico reflexivo para o estudante, não se deixando levar pelo equívoco do ensino enquanto fornecimento de informação acerca de um determinado tema, parti para a construção de uma atuação de forte inclinação política.

Nesse momento, me vi na condição de um sujeito que por meio de suas ações pedagógicas, se aproximava da condição de ativismo político através da arte. Segundo o dicionário da língua portuguesa, por ativismo entende-se: “Qualquer doutrina ou argumentação que privilegie a prática efetiva de transformação da realidade em detrimento da atividade exclusivamente especulativa” (Fonte: www.dicio.com.br)

Desse modo, interessava-me esta capacidade de transformação da realidade inerente do papel do ativismo, pensando que transformar é uma função própria da educação. Assim, refleti acerca da incorporação de mais um elemento à tríade que operava inicialmente no modo de fazer artístico e pedagógico. Passei então a me perceber na figura de uma artista-pesquisador-docente-ativista, ou seja, como dito acima, uma condição de um ativismo por meio da arte: um a(r)tivismo.

Artivismo é um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas, como as que André de Castro tem vindo a prosseguir. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. (RAPOSO, 2015, p. 05)

Nunca antes a ação artivista foi tão urgente. O panorama da Arte e da Educação no País se mostra preocupante. No âmbito educativo, temos nos últimos tempos algumas tentativas para amordaçar toda e qualquer voz de insurgência política e poética. O projeto de Lei Escola sem partido representa uma das diversas tentativa de silenciar o pensamento crítico-reflexivo na escola.

não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, com o objetivo de cooptá-los para nenhuma corrente política, ideológica ou partidária”. É preciso determinar a conduta dos professores na “transmissão dos conteúdos” (Trecho do projeto de lei nº. 7180/2014)

O a(r)tivismo nesse momento vem de encontro à esse pensamento condicionador de conduta docente e gera um tensão entre a possibilidade do pensamento livre e pautada na reflexão e um controle da atividade educativa.

Um conservadorismo exacerbado toma conta do país e com isso, não somente a educação, mas a arte de um modo geral, sofre diversos ataques nesses últimos tempos, como, por exemplo, os casos de obras de arte que nos últimos anos sofreram diversos ataque e especulações, baseadas em um certo discurso de moralismo, com um discurso de ódio, totalmente descontextualizado.

Alguns exemplos desses ataques são a obra *La Bête* de Wagner Schwartz, A peça *O Evangelho segundo Jesus Cristo* no âmbito nacional e o trabalho do Artista e Jornalista cearense, Ari Areia em um contexto local.

Na obra *La Bête*, Wagner Schwartz fica deitado nu em um tatame e o público pode mexer em seus braços, pernas e no restante do corpo para alterar sua posição. Trata-se de uma referência à série *Bichos*, da mineira Lygia Clark, com objetos feitos de metais articulados, que permitem a manipulação do público. A escultura pode ser apenas vista pelo visitante da mostra, mas é na interação que ela se desdobra em significados. (Revista Veja, 2017)

Apesar da clareza da proposta, inclusive explicitado na própria descrição da revista acima citada, esta obra foi alvo de uma série de ataques, tendo em vista um recorte de um registro visual feito em um momento específico da obra onde uma criança interagia com o corpo do artista.

Totalmente descontextualizado, um movimento, encabeçado por líderes conservadores, seja no campo político ou religioso, foi responsável por uma verdadeira onda de ataques tanto ao artista como ao equipamento cultural que acolheu a obra.

Do mesmo modo, O evangelho segundo Jesus Cristo, rainha do céu sofreu diversos ataques, inclusive interpelações judiciais para a suspensão de suas apresentações:

Escrito pela dramaturga escocesa trans Jo Clifford, o monólogo *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* ganha montagem com a atriz Renata Carvalho, também trans, que conversa diretamente com o tema tão em voga. Em linha dramática próxima à de outro solo, *A Alma Imoral*, a peça mistura depoimento e contação de história para tratar de opressão e intolerância, especialmente a sofrida pelos transgêneros. O carisma de Renata garante a empatia do público, mas a encenação permanece como mais uma tentativa de discussão sobre pessoas sofridas e marcadas por um estigma (Fonte: Revista Veja, São Paulo)

No último exemplo, o artista e jornalista cearense Ari Areia, ativista dos direitos LGBTQ, apresenta uma performance em um evento na Universidade Federal do Ceará, onde o mesmo inseria um acesso venoso no corpo e pingava gotas do próprio sangue em um crucifixo, em menção ao sangue derramados dos LGBTQ assassinados no Brasil. Este ato de Ari Areia gerou não somente ataques verbais e nas redes sociais pelos conservadores ou interpelações judiciais, mas como também ameaças de morte ao artista.

Nesse panorama obscuro da educação e da arte no país, levanto a seguinte questão: Qual o lugar da Arte e da Educação em tempos de cólera? Qual a atuação do Artista-pesquisador-docente-ativista nesse momento de tensão? E, qual o papel do Artivista na Escola?

A partir dessa reflexão, trarei a seguir duas experiências no campo de atuação do artista-pesquisador-docente-ativista. Uma das experiências se encontra no ensino de Teatro na Educação Básica e a segunda experiência se dá dentro do Ensino Superior de Teatro. Em ambas, reflito acerca da minha atuação docente iniciada na escola e posteriormente desenvolvida na educação superior.

O primeiro relato diz respeito a atuação enquanto professor de Artes dentro do Colégio da Polícia Militar do Ceará. Na ocasião, estive como professor no ensino fundamental durante 4 anos.

O contexto de ensino no Colégio da Polícia Militar do Ceará, apesar da instituição já existir há mais de 10 anos, se enquadra dentro da crescente tendência de militarização das escolas em todo o país, que muitas vezes é vista como uma solução ao que poderíamos encarar como a indisciplina dentro das instituições escolares. Com o lema “Aqui aprende-se com disciplina” a escola por muito tempo considerou que os alunos deveriam ser tratados como paramilitares. Como nos fala Rancière:

Esta lógica dos corpos no seu lugar dentro da distribuição do comum e do privado, que é também uma distribuição do visível e do invisível, da palavra e do ruído, é aquilo a que propus nomear com o termo de polícia. A política é a prática que rompe com essa ordem da polícia que antecipa as relações de poder na própria evidência dos dados sensíveis. Ela fá-lo através da invenção de uma instância de enunciação colectiva que redesenha o espaço das coisas comuns. (RANCIÈRE, 2008, p. 66)

Na contramão dessa disciplinarização do ensino, se insere o professor de artes. Nesse momento, a proposta era trazer para a aula de arte, aspectos políticos que correspondiam à atuação ativista do híbrido artista-pesquisador-docente.

Nesse processo, a decisão tomada foi partir para a discussão prática de questões do cotidiano da escola, que naquele momento se davam enquanto possibilidade de discussão política do ambiente escolar. O ensino de arte no colégio da Polícia Militar do Ceará ultrapassou o paradigma da mera construção de conhecimento advinda da mediação do professor para se dá enquanto acontecimento artístico de carácter extremamente político, quando convida os estudantes a discutir a partir da produção poética o seu lugar enquanto sujeito capaz de intervir no meio.

Assim, foram propostas, para as turmas de 6º ano do ensino fundamental, sensibilizados por leituras acerca da performance arte e da intervenção urbana, uma série de trabalhos nos quais estes estudantes pudessem tomar seu lugar de fala, que por muitas vezes era ceifado pela abordagem limitadora dos questionamentos característica do ensino militar.

Durante o intervalo, os estudantes interviam no espaço da escola, estimulando a comunidade escolar a refletir sobre problemáticas da escola. Assim, esses estudantes experimentavam na prática a potência reivindicadora e denunciadora da intervenção urbana, tomando consciência do caráter político que a arte carrega consigo. A aula de arte naquele momento passou a ser vivenciada enquanto experimentação poética no espaço escolar partindo da discussão do cotidiano.

Outro exemplo de atuação a(r)tivista, diz respeito ao trabalho de formação do artista-pesquisador-docente, uma vez que se dá dentro de um curso de graduação em Teatro. O curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, dentro de sua estruturação curricular atual, traz um conjunto de sete disciplinas que dizem respeito à prática pedagógica em Teatro.

Cada uma das práticas pedagógicas, tenta dar conta de discutir teoricamente e na prática algumas metodologias de ensino do Teatro. Dentre essas propostas, algumas se destacam-se por trazer reflexões de âmbito político. Teatro do oprimido de Augusto Boal, as peças didáticas de Bertolt Brecht são alguns exemplos de temáticas abordadas.

Nessa perspectiva, algumas experiências desenvolvidas durante as disciplinas de prática pedagógica podem ser destacadas como um possível modo de despertar um pensamento pautado na atuação docente de resistência e questionamento político.

Uma das experiências vivenciadas diz respeito à uma prática realizada durante o ano de 2016 quando na ocasião foi proposto um trabalho com o Drama como método de ensino, que segundo sua autora, a professora Beatriz Cabral, “constitui-se atualmente numa subárea do fazer teatral do fazer teatral e está baseado num processo contínuo de exploração de formas relacionadas com um determinado foco de investigação” (CABRAL, 2006, p.12)

Naquele período, já se cogitava a candidatura e eleição de um candidato que cada vez mais ganhava o apoio popular, principalmente pelo seu posicionamento polêmico, pró-tortura, assumidamente defensor do período de

regime militar no país, além de suas declarações homofóbicas, misóginas, racistas. Nesse contexto, este assunto foi elencado pelos estudantes para ser trabalhado na disciplina.

O Drama com método de ensino trabalha a partir de situações ficcionais para com isso traçar uma discussão acerca da realidade da escola ou da comunidade em questão.

Ao fazer o teatro/drama, entramos em uma situação imaginária – no contexto da ficção. A aprendizagem decorrente emerge desta situação e do fato de termos de responder a ela, realizar ações e assumir atitudes nem sempre presentes em nosso cotidiano. (CABRAL, 2006, p. 12)

No exemplo acima, os estudantes criaram uma situação ficcional intitulada “Colônia Amapá”. Nessa situação, em um tempo futuro, no Brasil, após a vitória das eleições do candidato citado, o país teria entrado em um regime no qual as classes minoritárias foram aprisionadas em colônias em ilhas espalhadas pelo território. O Amapá que se constitui com um estado que o acesso por via terrestre não é possível, seria um desses locais.

A partir desse disparo, toda a disciplina foi realizada trazendo como discussão os impactos que essa situação acarretaria caso fosse real e como proceder em uma atitude de resistência. Em paralelo foi trazido para fundamentar as discussões, a obra do filósofo Michel Foucault, Vigiar e punir: o nascimento da prisão (1975).

Assim, por meio da realização de episódios, a cada aula, os estudantes “ensaiavam” possíveis modos de resistir a uma situação de extrema imposição de poder.

Essa experiência possibilitou aos estudantes perceberem-se enquanto sujeitos de uma atuação por ativista poética, ou seja, se perceberem enquanto a(r)tivistas, buscando em sua futura prática docente, disseminar atos de resistência e questionamento social, instaurando com isso, verdadeiros levantes poéticos na educação em arte.

Referências Bibliográficas

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec/Mandacaru, 2006.

DAL FARRA MARTINS, José Batista (Zebba). **O Artista-Pesquisado-Pedagogo**. VI Congresso da Abrace, São Paulo, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

RANCIÈRE, Jacques. **Les paradoxes de l'art politique**. In: **Le spectateur émancipé**. La Fabrique, Paris, 2008

RAPOSO, Paulo. **"Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências**. In: Cadernos de Arte e Antropologia, volume 4, número 2, 2015, pp. 3-12.

Outras fontes:

<http://www.escolasempartido.org/quem-somos>

<https://vejasp.abril.com.br/atracao/o-evangelho-segundo-jesus-rainha-do-ceu/>

<https://veja.abril.com.br/entretenimento/como-e-a-performance-do-artista-nu-que-foi-tocado-por-criancas/>